

## FESTA DE SANT'ANA: ESPAÇO DE FÉ E MEMÓRIA DE NORTELÂNDIA

Katia Terezinha Pereira Ormond\*

Os lugares de memória são escolhidos para nos lembrar daquilo que não devemos, e não queremos, nos esquecer. Seguindo essa ideia, podemos então afirmar que escolhemos o que deve ser lembrado e transmitimos para as gerações futuras conhecimentos de fatos e de pessoas importantes para um determinado momento.

Quantas vezes não ficamos aturridos diante de algum monumento, nome de rua, praça, ou edifício público? Muitas vezes nem ao menos sabemos o porquê do nome de uma rua ou avenida. A quem interessou dar aquele nome? Por que a data ou a pessoa recebeu tamanha homenagem? De acordo com a acepção de Pierre Nora sobre os *lugares de memória*, esses locais são responsáveis por ritualizar uma sociedade, conservando aspectos importantes, que de outra forma, seriam esquecidos. A percepção de que o evento e ou o objeto adquiriu importância para a comunidade acontece a partir do momento em que há apropriação simbólica do mesmo. As pessoas que viveram e historicizaram o vivido, transformam, muitas vezes, o ocorrido, dando um realce especial ao fato, transmitindo essas práticas e a maneira de pensá-la. Isso vale tanto para aquilo que é material, palpável, como um objeto, uma construção, uma praça, uma rua, ou algum artifício da cultura imaterial, como festas, modo de fazer, saberes repassados de pais para filhos, músicas, danças, ou seja, um patrimônio cultural intangível. É essa apropriação do bem material ou imaterial pela comunidade que dará a ele contornos de algo “sagrado”, que deve ser preservado, mantido, lembrado. Da vontade particular ou de um grupo é que se apreende aquilo que se tornará memória, criando assim os lugares de memória, aqueles que serão lembrados

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...) (NORA 1993, p. 13)

Baseados na ideia de Pierre Nora, podemos analisar as muitas festas de santos que acontecem no Brasil como espaço de celebração da memória. Nesse contexto insere-se a Festa

---

\* Professora Mestre em História – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia. E-mail: katiarmornd@hotmail.com

de Sant'Ana, que foi por mim pesquisada. Essa Festa acontece em Nortelândia, cidade localizada no médio norte de Mato Grosso.

Desde a descoberta de ouro, por volta da segunda década do século XVIII, Mato Grosso tem atraído milhares de pessoas de várias regiões do Brasil e de outros países. A visão mítica do “paraíso” encontrou nessas terras, ao longo do século XX, sua personificação, fosse por sua riqueza em minérios ou por sua fertilidade agrícola e extensão. Certo é que, ao longo da história, Mato Grosso, já teve diversas atividades econômicas principais, e manteve, no inconsciente coletivo, a imagem de “terra prometida”<sup>1</sup>.

A redescoberta de diamantes no médio Norte de Mato Grosso, mais precisamente nas cabeceiras do rio Paraguai e dos cursos de água que formam esse rio, por volta de 1930, atraiu muitas pessoas para esse local. Posteriormente, descobriram diamantes nas margens do rio Santana. Dessa descoberta surgiu o povoado de Sant'Ana, que daria origem, alguns anos depois, à cidade de Nortelândia. Portanto, o surgimento dessa cidade está diretamente relacionado à mineração.

Pessoas das mais diferentes partes do país migraram para Santana - como Nortelândia foi inicialmente chamada - na esperança de ter uma vida melhor. Segundo Ricardo Rezende Figueira, todo movimento migratório é motivado por alguma razão:

É possível empreender uma viagem pelo desejo de conhecer terras e realidades diferentes, adquirir novos conhecimentos, fazer estudos, manter ou criar uma nova relação afetiva ou desfazer uma antiga, pela sedução de algum convite irrecusável, por medo de uma catástrofe, uma seca, um terremoto, uma guerra entre nações, um crime cometido; uma ameaça física, uma perseguição contra determinadas pessoas, grupos religiosos, etnias; uma humilhação sofrida, por razões comerciais, por necessidades econômicas prementes vividas por uma ou mais pessoas ou mesmo pela totalidade de um grupo social, pelo desemprego temporário ou estrutural, pela abundância de mão-de-obra em um lugar e pela escassez em outro. Em todo caso, não se viaja ou se emigra apenas porque se quer, mas também porque se é obrigado. A migração é temporária ou não, individual, familiar ou coletiva; é consequência de uma ação política governamental deliberada e de longa duração ou pode ser ocasionada por fatos imprevistos e fulminantes. (FIGUEIRA, 1994, p. 101-102)

No caso específico de nosso estudo, a migração para Nortelândia aconteceu por uma conjunção de fatores: a maioria dos migrantes veio do Nordeste, portanto, oriundos de um local onde havia concentração de riqueza e carência de empregos. Além disso, em algumas partes do Nordeste a seca prolongada obrigava as pessoas a irem para as mais diferentes regiões do país em busca de sobrevivência. Segundo João Carlos Barrozo:

As trajetórias individuais são definidas por “momentos-chave”, que marcam a sua reorientação e aparecem mais frequentemente em certos momentos, como na passagem da juventude para a idade adulta, numa crise, na morte de uma pessoa da



família. No caso dos nordestinos, uma seca prolongada, muitas vezes, era decisiva para uma família decidir se permanecia ou não no lugar de origem. Em outros casos, as desavenças e guerras no sertão são o “momento-chave”. ((BARROZO, 2007,p. 13)

Para entender um pouco mais a razão que motivou a migração dos nordestinos, é preciso conhecer o contexto sócio-econômico brasileiro da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX: a Proclamação da República, ocorrida em 1889, levou ao poder a elite agrária, que se perpetuou no comando do país até 1930. Nesse período, conhecido como Belle Époque brasileira, a sociedade não tinha estrutura para absorver mudanças advindas com a Abolição da escravidão, Proclamação da República, bem como as transformações econômicas próprias do período (CARVALHO, 1989). Ou seja, não houve tempo hábil para a formação de uma organização racional do trabalho que visasse dar respaldo à mão-de-obra oriunda da Abolição aliada ao excedente vindo das regiões de seca do Nordeste. A “grande seca”, ocorrida por volta de 1877, fez perecer parte do rebanho bovino, além de “expulsar” milhares de nordestinos para outras regiões do Brasil.

Surgida dentro desse contexto, na segunda metade do século XX, Nortelândia atraiu milhares de pessoas, principalmente nordestinos, que iam em busca da riqueza de seus garimpos. As pessoas que para lá se dirigiram acabaram organizando o espaço onde fundaram a cidade. Foi essa sociedade, surgida a partir da mineração que iniciou o culto a Nossa Senhora Sant’Ana, que tornou-se a partir daí, a padroeira da cidade.

A devoção a essa santa da Igreja Católica é bem antiga, remonta à Idade Média, mais precisamente ao século XIV, quando foi permitida pelo papa Urbano VI. Essa devoção foi confirmada posteriormente pelo papa Gregório XIII, em 1584, bem como fixada a data da sua festa para o dia 26 de julho. Em 1879, os festejos foram estendidos para toda a Igreja.

Em Nortelândia, a fé em Sant’Ana tornou-se o elemento gerador de força, unidade, esperança e de resistência frente às vicissitudes cotidianas.

Os registros mais antigos, dizem que o culto à Santa, deriva do nome do rio que banha a cidade, rio Sant’Ana. Todavia, é preciso lembrar que muitas pessoas vindas do Nordeste, vieram de cidades onde havia a tradição do culto a essa santa da Igreja Católica. Ao longo de mais de meio século, a Festa tem atraído a atenção da maior parte dos moradores da cidade e mesmo de cidades vizinhas, além dos filhos e amigos de Nortelândia (como são chamados carinhosamente as pessoas nascidas na cidade, mas que vivem em outros lugares), que na época da Festa, retornam à cidade.

Conta a tradição que as mulheres de Nortelândia sentiam falta de um espaço sagrado para as celebrações e festas religiosas, e que partiu delas a ideia de construir a igreja de Sant'Ana. Como não dispunham de recursos para a sua construção, um grupo de senhoras se uniu e iniciou uma série de eventos com a finalidade de angariar recursos financeiros para construí-la. Conforme pudemos atestar, o costume de fazer leilão, procissão e a novena, esteve presente desde o início dos festejos, mantendo-se até os dias de hoje.

A festa, que começou sem maiores pretensões, tornou-se aos poucos grandiosa, e passou a atrair muitas pessoas: era comum, nessas ocasiões, virem pessoas de locais distantes para pagar promessas.

Os festejos de Sant'Ana, como são conhecidos, representam um elemento primordial na vida da cidade, permitindo, além do fortalecimento dos laços de solidariedade familiar e de fraternidade cristã, a identificação coletiva entre os habitantes da cidade.

A cada ano, os festeiros escolhidos previamente preparavam uma festa melhor que a anterior, numa clara tentativa de demonstrar maior poder organizador.

A festa, além do seu poder de congregar a maioria das pessoas que vieram para Nortelândia, acabou se mostrando também um espaço ideal para a representação do poder, onde as particularidades dos diferentes grupos sociais que ocupavam o cenário urbano vinham à tona, destacando-se aqueles que tinham maior poder econômico. Desse modo, por seu caráter agregador, esses momentos festivos registravam traços da mentalidade e do comportamento desses habitantes, seus desejos e sonhos, suas crenças mais profundas, seus ideais e a realidade que viviam.

Apesar das evidentes diferenças sociais percebidas por ocasião dessas festas, observamos que elas tinham o poder de dar à cidade sua identidade maior: Nortelândia ficou conhecida por fazer a “grandiosa festa de Sant'Ana”. Na Igreja matriz e em seu adro realizava-se a homenagem à padroeira, na qual não podiam faltar, além do fervor religioso, manifestado por meio de orações, cânticos e sermões, as músicas, bailes, comidas e bebidas.

É importante notar que os migrantes, especialmente os nordestinos, traziam seus costumes, e na festa havia a mistura de comidas indígenas, africanas, nordestinas e europeias. Isso fica claro quando analisamos os cardápios da festa, composto pelo chá com bolo e farofa, assados, pudins, bolos e outras guloseimas nas ceias doadas pelas novenárias.

Para esse evento toda a cidade se preparava: os idosos, por meio da reza do terço; as mulheres com seus quitutes feitos com esmero; os homens na organização do espaço físico da festa como montagem do palanque, no recolhimento das prendas à frente com a banda tocando alegremente o hino da padroeira na porta de cada novenária (mulher que doava a

prenda); e as crianças, ora acompanhando tudo, com seus olhos ávidos, saltitando ao som da banda que percorria a cidade, ora contidas pelos pais, vestidas de anjos acompanhando a procissão.

Em busca dessas memórias, entrevistei algumas pessoas e verifiquei que as lembranças desses tempos continuam presentes para a maioria dos entrevistados. Os sons, da música, das orações, dos fogos de artifício; os cheiros do chá-com-bolo, da farofa, do café-com-leite servidos de madrugada; as cores do papel celofane envolvendo cada tabuleiro contendo as comidas que faziam parte da ceia oferecida pelas novenárias; os sabores do bolo de queijo, do bolo de arroz, do pudim, do quindim de iaiá feitos pela dona Zizi, lembranças eternizadas pelos sentidos. Parecem adormecidas num cantinho da “recordação”, mas voltam à tona com força quando são revisitadas.

O culto a Sant’Ana nos permite deslocar o foco da História feita por grandes personagens para a história feita por milhares de anônimos que ajudaram a construir, no centro-oeste do país, uma sociedade mesclada de valores trazidos de várias outras partes do Brasil, milhares de anônimos que consolidaram práticas próprias ao homem que se dedica ao garimpo, à agricultura e à pecuária no médio norte de Mato Grosso. Essas pessoas não costumam ter suas existências contadas nos livros de História, mas fizeram História ao atuarem como “forças invisíveis” que, agindo na superfície dos acontecimentos, acabaram imprimindo mudanças e formando a identidade do habitante do médio norte, região na qual surgiu o município de Nortelândia, e onde teve origem a festa de Sant’Ana.

Por meio das manifestações religiosas houve a transmissão de práticas que marcaram a experiência de vida das pessoas que, de certa forma a transmitiram para outras.

Nesse sentido, vale trazer para a discussão o estudo de Hobsbawn e Terence Ranger, “A invenção das Tradições”, no qual os autores defendem que todas as tradições são resultados de invenções, sendo necessário operar dentro de uma criticidade. Diante disso, faz-se necessário colocar em xeque o termo “transmissão de tradição”, haja vista que essa é resultado de uma invenção, ou seja, ela é construída de acordo com os valores e interesses de determinados grupos, obedecendo o espaço e temporalidade em que a mesma é gestada.

É esse comprometimento com a continuidade da tradição cultural, ainda que inconscientemente, que leva a comunidade a manter sua participação nas celebrações, com muita devoção dentro das festas que realizam. A fé é vista também como instrumento que fortalece a comunidade, e através da devoção, os moradores podem dar sentido à vida quando se voltam para as questões religiosas.

Os migrantes que vieram para a região precisavam se apegar à fé de que seria possível sobreviver num ambiente tão distante de sua origem, além, é claro, das dificuldades de se estabelecerem as bases de uma vida em sociedade. Famílias se uniam para as celebrações religiosas, momentos nos quais estabeleciam laços de sociabilidades, trocavam experiências, rezavam, conversavam e sonhavam. De acordo com Vitale Joanoni Neto:

Encontramos em seus relatos sinais de que esta migração ganhou contornos de peregrinação. A fé em Deus e a crença na melhora estiveram presentes e fortes desde sua saída em busca da “terra prometida” até sua fixação na região (JOANONI NETO, 2007, p.17).

O que faz essas pessoas manterem essa festa? Podemos responder a esse questionamento evocando Hobsbawm, e sua teoria da invenção das tradições: uma tradição é inventada quando querem apregoar valores e normas de comportamento. A partir dessa premissa, podemos ver a Festa de Sant’Ana como uma tradição inventada, cujas práticas foram estabelecidas pelas pessoas fundadoras da ideia desse evento. É possível determinar o momento exato no qual algumas mulheres de Nortelândia se reuniram e iniciaram a Festa, que se tornaria a partir de então, uma tradição da cidade. De acordo com Hobsbawm, a tradição inventada utiliza-se de elementos antigos, que tenham significado para o grupo. Assim, reverenciar um santo e organizar uma festa religiosa, faz parte de um passado do grupo, que tem grande força como elemento de coesão do mesmo. As tradições estão diretamente ligadas à memória, coletiva ou individual e ao sentimento de pertença.

Conversando com antigos moradores e festeiros pudemos identificar como se deu a construção dessa memória. Os pais foram repassando para os filhos a tradição da Festa, o culto à Sant’Ana e isso está presente até hoje entre os mais jovens, que assumiram o comando dessa tradição. A Festa continua acontecendo todos os anos, só que agora, promovida pelos “filhos e amigos de Nortelândia”, pessoas que apesar de residirem fora da cidade, retornam por ocasião da Festa. Esses novos festeiros, se reúnem, distribuem as tarefas e fazem a festa, com muito empenho. Uma questão que nos inquieta é: o que leva pessoas jovens, com uma formação intelectual diferente dos antigos moradores da cidade a continuarem com a Festa? A resposta poderia ser : a força da tradição. Não pretendo discutir aqui a força da fé e devoção à Santa, mas o estabelecimento desse lugar de memória que tem sido os festejos de Sant’Ana. Um outro aspecto que nos chama a atenção é o culto à imagem de Sant’Ana, de pouco mais de um metro, cujo andor é, todo os anos, renovado com novos arranjos de flores e tecidos. Os mais jovens aprenderam, a partir dos relatos de memória dos mais velhos, a identificá-la como símbolo maior de sua devoção. Isso porque, através das lembranças dos mais velhos, a imagem

é poderosa e em determinados momentos realizou grandes milagres, livrando as pessoas de Nortelândia de doenças e desastres.

A imagem de Sant'Ana, foi adquirida pelos fiéis bem antes da construção da igreja e ficava abrigada na casa dos moradores. Nas ocasiões especiais, como casamentos, batizados ou missas, a imagem da Santa era levada para o local onde a cerimônia aconteceria. Assim, podemos observar em fotografias antigas a presença da imagem no interior da residência onde ocorria o sacramento. Isso nos permite compreender a dimensão de importância que a imagem adquiriu, passando a ser identificada como sagrada pelos habitantes da cidade.

Na fotografia abaixo, observamos a imagem de Sant'Ana, que foi levada à residência da noiva, por ocasião do seu casamento. A importância da imagem é similar a da noiva, mesmo num evento no qual a noiva é o grande destaque.



Casamento de Meyre G.da Silva, 1960. Acervo: Maria Pereira Ormond

As lembranças contadas pelos mais velhos, de como chegaram ao local, das dificuldades enfrentadas para viver na região e, principalmente, dos sofrimentos vividos nos primeiros tempos, fortalecem a ideia de que, não fora sua fé inabalável na Santa, nada disso teria sido superado. Os relatos dos mais velhos são convergentes nesse sentido. Ao descreverem o viver na região, falam na fé como mecanismo de sobrevivência. Essas memórias dos primeiros habitantes da cidade, lançam as bases para a criação da festa como um *lugar de memória*, pois:



Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.(HALBWACHS, 1990, p.34)

Lembrar é um exercício de repensar, ao recordar um acontecimento vivido a memória re-interpretará o fato com as vivências adquiridas, pois o tempo transforma as pessoas, mudando seus valores, suas opiniões, suas idéias e suas percepções. Os antigos moradores da cidade, ao falarem do início da Festa, dos preparativos que a antecediam e de como se organizavam para fazê-la, nos permitem revisitar suas memórias e compreender a importância desse evento para a cidade.

Lembranças e esquecimentos são partes da memória. Compete aos historiadores analisar e procurar compreender porque determinados fatos são lembrados e outros esquecidos.

Por que algumas pessoas são destacadas na memória de seus pares e outras são esquecidas.

Além disso, lembrar ou esquecer determinado acontecimento é um mecanismo da memória coletiva que faz parte do jogo de poder. Os grupos sociais, após elaborarem aquilo que desejam que seja lembrado, utilizam vários mecanismos para divulgar suas memórias. Assim, acontecimentos políticos, econômicos ou determinadas personalidades, são muitas vezes elevados à categoria de importância tal que acabam sendo conhecidos e valorizados por toda sociedade.

Da mesma forma, os esquecimentos podem também serem vistos, ou pelo menos questionados, quando, ao praticar seu ofício o historiador cotejar diferentes relatos ou demais documentos escritos. O movimento de lembranças e esquecimentos, inerentes ao ser humano, determina o que será lembrado pelas gerações futuras. É através desses mecanismos que se constrói a memória oficial, que funciona como mecanismo de poder. Uma vez elaborada, a memória oficial passa a ser divulgada e mantida como a “verdade”.

Podemos observar o uso da memória oficial nos festejos de Sant’Ana: a Festa faz parte do calendário do município de Nortelândia, assim como a imagem da Santa, é considerada um monumento na cidade.

Todos os anos, a imagem é re-decorada, sendo adornada com nova coroa, flores e terços. Dessa maneira, a imagem é mantida durante todos os dias da Festa e é levada pelos fiéis pelas ruas da cidade. Por onde passa, as pessoas a saúdam. Terminada a festança, a imagem é conservada no interior da igreja.

Ouvindo diversas histórias de trajetórias de vida, tivemos a percepção de que a memória não envelhece, como afirmou a escritora Nélide Piñon: “A memória é como uma entidade que persegue o ser humano e que não está a serviço do homem tanto quanto ele pensa. Ao mesmo tempo, a memória é a matéria mais irrenunciável do homem. A memória não tem coesão, não tem lógica, não tem simetria e é fragmentada, múltipla, confusa, um turbilhão que se apossa do seu ser, da sua integridade.”<sup>2</sup> Ainda segundo a escritora, a memória não compreende corretamente a passagem do tempo, não existindo uma sequência cronológica em recordar. Nossos narradores - a maioria com mais de oitenta anos, lembraram-se com detalhes dos fatos vividos, desde a mais tenra idade e com suas reminiscências ajudaram-nos a compor a história de suas vidas, as diversas motivações que os trouxeram para a região, como viveram, sentiram, se organizaram e construíram diferentes caminhos. Além disso, através de seus relatos foi possível revelar diversos olhares para o viver na região de garimpo, desvendando práticas, compreendendo costumes e símbolos presentes na Festa de Sant’Ana.

Analisando a memória, Antonio Torres Montenegro (MONTENEGRO, 2001, p. 9-26) nos diz que ela não é a reprodução do vivido, mas ressignificações, elaborações a partir do vivido em consonância com as redes de relações nas quais a pessoa vive e constrói sua história. Assim, ouvindo as ex-festeiras, foi possível compreender o contexto no qual elaboraram as práticas sociais que acabaram tornando-se tradição na Festa. A Sr<sup>a</sup> Joana Gomes Pereira (Dona Miúda) comentou que hoje em dia as mulheres já não se preparam como antigamente para a Festa: “Hoje em dia as festeiras não se preocupam mais com isso, vão de camiseta, com a imagem de Sant’Ana. Diferente de antigamente, quando a gente fazia roupa nova para todos da família, afinal os festeiros tinham que dar o exemplo”.

As mudanças observadas na Festa são conseqüências das transformações sociais e econômicas. Na época vivida por nossos entrevistados as pessoas dispunham de mais tempo para se dedicar não só aos festejos, como também às redes de sociabilidades baseadas na família, igreja e vizinhos. Com isso o tempo e a disponibilidade dedicados à Festa eram bem maiores.

Dona Miúda ressentia-se também com outras mudanças nos festejos.

Hoje a festa é diferente, mas tá bom, a festa tá rompendo,né? Hoje são só quatro noites de leilão.

Na minha festa, em 1966 teve churrasco que João Macaúba ofereceu. Bondade dele. Hoje misturou tudo. Noite da criança, fazendeiro, etc.

A buscada da prenda era a coisa mais bonita, no tempo de seu Bianco e Alvacir, o céu pretejou de tanto foguete. Eles foram responsáveis pela noite dos garimpeiros.

Hoje em dia ainda tem alvorada, ainda tem a busca da prenda com banda de música, mas é diferente daquele tempo. As pessoas não tem mais tempo para acompanhar.

Antigamente a Festa começava no dia 16 de julho e só acabava no dia 26. Eram dez noites de leilão e no dia 26, missa e procissão. Hoje são apenas quatro noites. Se quisessem poderiam dividir a quantidade de prendas e fazer mais noites de leilão. Mas ninguém tem tempo!

Apesar de lamentar as mudanças, ela destaca que o mais importante é o fato de a Festa “continuar rompendo”, ou seja, apesar das mudanças, os festejos de Sant’Ana persistem até hoje.

A tradição das comidas, doces e salgados, continua presente nas noites de leilão e a Festa, transmutada no tempo, permanece com força, reunindo nos quatro dias de festejos centenas de pessoas.

### Referências:

BARROZO, João Carlos. **Em busca da pedra que brilha como estrela – garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai - Diamantino**. Cuiabá; EdUFMT, 2007. p. 13.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados (O Rio de Janeiro e a República que não foi)**. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.

JOANONI NETO, Vitale. **Fronteiras da crença: ocupação do Norte de Mato Grosso após 1970**, Cuiabá: Ed UFMT/Carlini & Caniato Editorial, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 34

HOBSBAWN Eric Hobsbawm & RAGER Terencer (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **Viajantes do céu: cotidiano de padres imigrantes no Nordeste (1960-1970)**. In: CABRERA, Olga. (Org.). *Experiências e memórias*. Goiânia: CECAB Editoria, 2001. p. 9-26.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: **Projeto História: Revista do programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de História da PUC-SP** (Pontifícia Universidade de São Paulo). São Paulo. SP. , 1985 (PDF)

Folha de São Paulo, 5 de agosto de 1999. **Caderno mais**, p. 5-10.

### Notas

---

<sup>1</sup> Essa idéia de “terra prometida” esteve presente também na contemporaneidade, principalmente durante o processo de (re) ocupação dos espaços considerados “vazios”, política dos governos militares (1964-1985): “Mato Grosso é o terceiro Estado em área da Federação brasileira, com área total de 906.807 km<sup>2</sup>. Encontra-se na região Centro-Oeste do país, centro do continente Sul-americano. A sua localização privilegiada – território



---

fronteiriço internacional e que faz parte da Amazônia brasileira – confere-lhe a condição de espaço estratégico, ao qual tem sido atribuído relevante papel nos planos de desenvolvimento nacional e de integração sul-americana.” (MORENO Gislaene e HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs.) **Geografia de Mato Grosso. Território-Sociedade-Ambiente**. Cuiabá. Entrelinhas. 2005. p. 8.

<sup>2</sup> Folha de São Paulo, 5 de agosto de 1999. **Caderno mais**, p. 5-10.